

Coletâneas
Solano Trindade

ETERNIZAR EM ESCRITA PRETA

VOLUME 5

MEMÓRIAS DE UM AFOGADO
CÉSAR DIVINO

BORETA
MICHEL XAVIER

DEPOIS DA FRONTEIRA
MONIZE MOURA

LUCIAS



**GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA
E INDÚSTRIA CRIATIVAS**

Governador do Estado
Tarcísio de Freitas

Vice-governador
Felício Ramuth

Secretária de Estado
Marília Marton

Secretário Executivo
Marcelo Henrique de Assis

Chefe de gabinete
Daniel Scheiblich Rodrigues

**Coordenadora da Unidade de Formação
Cultural e Unidade de Difusão, Bibliotecas
e Leitura**
Adriane Freitag David

**Coordenadora da Unidade de Monitoramento
dos Contratos de Gestão**
Marina Sequetto Pereira

**Coordenadora da Unidade de Preservação
do Patrimônio Histórico**
Mariana De Souza Rolim

**Coordenadora da Unidade de Fomento
e Economia Criativa**
Liana Crocco

**ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS AMIGOS
DA PRAÇA (ADAAP)**

Conselho administrativo
Isildinha Baptista Nogueira (Presidente)
Hubert Alquéres (Vice-Presidente)
Elen Londero
Eunice Prudente
Fábio Souza Santos
Helena Ignez
Luiz Galina
Maria Bonomi
Patrícia Pillar

Conselho fiscal
Wagner Brunini (Presidente)
Maurício Ribeiro Lopes
Rachel Rocha

Conselheiro benemérito
Lauro César Muniz

**SP ESCOLA DE TEATRO – CENTRO
DE FORMAÇÃO DAS ARTES DO PALCO**

Diretor executivo
Ivam Cabral

Assessor
Tato Consorti

Desenvolvimento institucional
Elen Londero

Relações internacionais e parcerias
Marcio Aquiles

Coordenação pedagógica
Beth Lopes

Coordenação de áreas
Guilherme Bonfanti (Iluminação)
Hugo Possolo (Atuação)
J.C. Serroni (Cenografia e Figurino I Técnicas de palco)
Marici Salomão (Dramaturgia)
Raul Barretto (Humor)
Rodolfo García Vázquez (Direção)
Tâmara David (Sonoplastia)

Extensão Cultural
Gustavo Ferreira (coordenador interino)
Rodrigo Barros (assistente)

Coordenador administrativo-financeiro
Alessandro Ribeiro

**Coordenador biblioteca
e gestão arquivística**
Maurício Paroni

Comunicação
Guilherme Dearo

SELO LUCIAS

Coordenação editorial
Beth Lopes
Elen Londero
Ivam Cabral
Marcio Aquiles

**ETERNIZAR EM ESCRITA
PRETA - VOLUME 5**

Revisão
Débora Moysés

Capa e diagramação
Henrique Mello

**Jurados do
Prêmio Solano Trindade**
Denilson Tourinho
Miguel Arcanjo Prado
Zuba Janaina

Fotos de capa e ilustrativas
[www.pexels.com/photo/6582760,
.../9955197, .../9955298, .../9954108, .../19879524,
.../4498792, .../20220322, .../5702463, .../ 1139605143-
27602310, .../5056798, .../1163687-10555641](http://www.pexels.com/photo/6582760,.../9955197,.../9955298,.../9954108,.../19879524,.../4498792,.../20220322,.../5702463,.../1139605143-27602310,.../5056798,.../1163687-10555641)

Fotos dos autores
Divulgação

Impressão
Gráfica Eskenazzi

Este livro foi elaborado a partir do concurso cultural “Prêmio Solano Trindade 2024”, realizado pela Associação dos Artistas Amigos da Praça (Adaap), gestora do projeto cultural SP Escola de Teatro, junto à Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo. O prêmio foi instituído em atendimento do Decreto nº 48.328./2003, com o objetivo de fomentar a produção de novas iniciativas de projetos de pesquisas com a temática ou produção de artistas afrodescendentes.

Direitos reservados à ADAAP – Associação dos Artistas Amigos da Praça | Selo Lucias

Av. Rangel Pestana, 2.401 – Brás, 03001-000 – São Paulo/SP

55 11 3775-8600

info@spescoladeteatro.org.br

www.adaap.org.br

www.spescoladeteatro.org.br

A849e Associação dos Artistas Amigos da Praça

Eternizar em escrita Preta / César Divino; Michel Xavier; Monize Moura. – v.5. – São Paulo : Associação dos Artistas Amigos da Praça : Lucias, 2024. 117 p. (Prêmio Solano Trindade)

ISBN: 978-65-84800-35-9

1. Artes Cênicas 2. Dramaturgia 3. Dramaturgia negra

CDU: 792.82



Coletâneas
Solano Trindade

ETERNIZAR EM ESCRITA PRETA

VOLUME 5

MEMÓRIAS DE UM AFOGADO
CÉSAR DIVINO

BORETA
MICHEL XAVIER

DEPOIS DA FRONTEIRA
MONIZE MOURA

LUCIAS



SÃO
PAULO
GOVERNO
DO ESTADO

SÃO PAULO SÃO TODOS

Secretaria da
Cultura, Economia
e Indústria Criativas

APRESENTAÇÃO

13. por **MARILIA MARTON**

SECRETÁRIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA
CRIATIVAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

PREFÁCIO

17. TODAS AS CORES

por **IVAM CABRAL**

TEXTOS

23. MEMÓRIAS DE UM AFOGADO

CÉSAR DIVINO

43. BORETA

MICHEL XAVIER

67. DEPOIS DA FRONTEIRA

MONIZE MOURA





APRESENTAÇÃO



por

MARILIA MARTON

SECRETÁRIA DA CULTURA, ECONOMIA
E INDÚSTRIA CRIATIVAS DO ESTADO
DE SÃO PAULO

APRESENTAÇÃO

O Prêmio Solano Trindade é uma celebração das artes cênicas brasileiras. Nesta quinta edição, temos a alegria de apresentar dramaturgias premiadas de autores negros, reafirmando nosso compromisso em valorizar vozes que enriquecem e diversificam nosso cenário cultural. Essas expressões artísticas são fundamentais para aprofundarmos nossa compreensão sobre a identidade nacional, pois a cultura de um povo reflete sua história, seus desafios e seus sonhos.

A premiação destaca a importância do teatro como uma forma de expressão capaz de impactar profundamente a sociedade. Ao reconhecer talentos e dramaturgias que refletem diferentes experiências e perspectivas, o prêmio contribui significativamente para um diálogo enri-

quecedor sobre identidade, cultura e as muitas camadas que compõem a nossa realidade. Essa celebração não apenas amplia o repertório das artes cênicas, mas também nos convida a refletir sobre nossas próprias histórias e aspirações.

Um verdadeiro espaço de descobertas, esta iniciativa permite que novos talentos tenham suas vozes ouvidas e reconhecidas. Esse incentivo motiva autores, sejam eles jovens ou experientes, a continuar escrevendo e compartilhando suas histórias. O que celebramos vai além da arte; é a construção de um ambiente que valoriza a riqueza das experiências e perspectivas, promovendo um cenário cultural mais inclusivo e vibrante.

A arte possui o poder de transformar realidades, e o teatro, como uma forma vibrante de expressão, é capaz de promover encontros e reflexões profundas. Que este livro inspire não apenas o público, mas também futuros autores a persistirem em suas jornadas criativas. Que ele seja um símbolo de esperança para todos que acreditam na força transformadora da cultura.



TODAS AS CORES



por

IVAM CABRAL

DIRETOR EXECUTIVO

DA SP ESCOLA DE TEATRO

TODAS AS CORES

Há 25 anos cheguei à Praça Roosevelt com Os Satyros. Após um período na Europa, começamos uma reformulação de nossa equipe técnico-artística. Com o propósito de revitalizar, social e culturalmente, aquele antigo espaço degradado, começamos a ministrar oficinas (de atuação, sonoplastia, iluminação, cenografia) para jovens em situação de vulnerabilidade social e para a também marginalizada comunidade trans que por ali vivia. Um pouco depois, começaram a trabalhar conosco.

Esse foi o embrião da SP Escola de Teatro, instituição mantida pela Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, que se constitui como um dos maiores projetos do tipo na América Latina. E, sem dúvida, posso afirmar que jamais visitei qualquer

escola no mundo com um perfil etnorracial e social tão diverso como o da nossa instituição.

Fatos como esse precisam ser reafirmados sempre, porque só é possível haver comprometimento com a educação em um terreno onde estudantes de todas as cores e origens estejam igualmente presentes. Ações programáticas isoladas não resultam em mudanças. São nossas ações cotidianas que nos dão legitimidade para organizar uma iniciativa tão nobre como o Prêmio Solano Trindade. Este quinto livro da série colige três textos cuidadosamente selecionados pela curadoria, dramaturgias de pessoas pretas, oriundas de todo o Brasil, que hoje encontram espaço de publicação e leitores ávidos por conhecer suas histórias.

Os três textos deste volume são representativos dos estilos e das temáticas hoje investigados pela nova geração de dramaturgos. *Memórias de um afogado*, de César Divino, combina alegoria e crítica social. Jonas, um ator preto e gay, recebe em seu aniversário a visita de Medo, Alegria, Melancolia e mais uma personagem importante a quem o leitor irá conhecer.

Em *Boreta*, de Michel Xavier, dois atores interpretam o mesmo personagem, nas versões jovem e velho. O diálogo entre eles mostra o conflito de gerações, as expectativas frustradas ao longo da vida, além de ensejar mecanismos metadramáticos relativos à escrita de uma

peça teatral sobre a importância do amor-próprio para os homens negros.

Já a peça *Depois da fronteira*, de Monize Moura, retrata a história de uma mulher que, para conseguir entrar na França, retira todos os seus órgãos, faz a cremação deles e os guarda numa caixinha, dando sequência a um diálogo insólito entre ela (ou o que restou de si) e a atendente do aeroporto.

As dramaturgias aqui publicadas são de autores de São Paulo, Sergipe e Minas Gerais, compondo, assim, também uma polifonia regional dessa produção contemporânea. Que essas histórias inspirem tanto diretoras e diretores dispostos a encená-las quanto novas dramaturgas e novos dramaturgos pretos a participar da próxima edição do Prêmio Solano Trindade.





MEMÓRIAS DE UM AFOGADO

por César Divino



**MEMÓRIAS DE
UM AFOGADO**
por César Divino

PERSONAGENS

JONAS

MEDO

ALEGRIA

MELANCOLIA

MORTE

ANGÚSTIA

PRÓLOGO

Atenção, esta peça pode conter altas doses de silêncio, memórias, tentativas frustradas, esboços, confissões, insistências, enfeites, incômodos, choro, tempo, abandono, esquecimento, lembranças, caminhos, barulhos, desejos e celebração. Recomenda-se, então, uma leitura atenta, viva. Acompanhada de boa precaução. As memórias aqui levantadas, ditas e compartilhadas devem ser guardadas com muita discrição. Elas precisam ser usadas como cápsulas de salvação. Pequenas drágeas que se perdem no tempo, mas que são complemento da ação. Portanto, o agora que já foi ontem revive o passado, apresenta o presente e inventa uma possível força motriz que pode nunca acontecer. Ou melhor, a tentativa de um desejo que pode nunca acontecer. De que as coisas que não acontecerem aqui possam ser sonhadas como uma possibilidade do viver. Ou melhor, o desejo de estar vivo. Mesmo que por poucas frações de tempo.

CENA 1

Silêncio. Cômodo de uma casa quase vazia. Apenas uma cadeira ao centro. Jonas está sentado, olhando em direção à porta. Escuta passos. Observa atentamente as pessoas chegando de forma repentina. Levanta-se da cadeira e vai em direção a elas. Cumprimenta-as. Aos poucos, começa a esboçar algumas poucas palavras, mesmo que ainda surpreso.

Jonas *(em direção ao público):* Boa noite! Nossa, vocês chegaram muito cedo, eu ainda não tive tempo de me arrumar e preparar o espaço. Não coloquei os enfeites, não escolhi as músicas. O bolo ainda não chegou. Mas entrem, fiquem à vontade. A casa é de vocês. Não reparem a bagunça. Os dias têm sido confusos e quase não parei para respirar, para organizar as coisas.

Observa atentamente as pessoas se acomodarem. Aguarda que se sentem. Fecha a porta. Retorna a falar.

Jonas: Eu confesso que sempre fui avesso a comemorações. Pois é. A ideia de viver, ou melhor, o desejo de estar vivo me mata diariamente. Mas, como hoje é um dia muito especial, eu escolhi viver. Mesmo que por poucas frações de tempo. E nada melhor do que comemorar com vocês. Obrigado pela presença! Como aniversariante do dia, eu gostaria de pedir a paciência de vocês só por mais alguns minutos ou talvez horas. Vai depender do horário em que os últimos convidados irão chegar. Brincadeira, eu prometo ser breve. Bem, eu preciso aguardar a chegada de pessoas que são muito importantes na

minha vida, porque, sem elas, a festa não pode acontecer. Enquanto isso, eu vou colocar uma música para vocês. Uma das minhas preferidas, que escuto insistentemente todos os dias. Não tem muito o clima de aniversário, mas é o que tem para o momento. *(Jonas gargalha.)*

Silêncio. Jonas meio desconfortável, observa a plateia.

Jonas: Olha, enquanto eu tento me organizar aqui com a decoração, vocês escutam a música e finjam que não estão me vendo. Ah! Antes que eu me esqueça, o que acontecerá aqui esta noite tem que permanecer aqui. Combinado? *(Pergunta para a plateia.)*

Jonas: Fiquem à vontade!

Jonas sai de cena. Aos poucos, a canção “Chop Suey!”, da banda System of a Down, começa a tocar bem alto.

CENA 2

A campainha toca. Ouvem-se algumas batidas na porta. Jonas volta apressadamente, carregando uma guirlanda de Natal na mão e um cacho de balões feito de improviso. Caminha em direção à porta. Abre. Entram Medo, Angústia e Melancolia com algumas sacolas.

Jonas (eufórico): Ah! Que bom que chegaram! *(Coloca a guirlanda no chão.)*

Eu quase achei que não viriam. Quanta demora! Achei engraçado, vocês estão grudados em mim em todos os momentos, hoje não poderia ser diferente! (*Abraça Medo, Angústia e Melancolia.*)

As outras pessoas (*aponta para o público*) chegaram cedo e já estavam ficando aflitas, esperando por vocês. Trouxeram comidas e bebidas? Veio mais gente do que eu imaginava... Eu não tive tempo de me organizar melhor e sinto que pode faltar comida.

Jonas observa as sacolas nas mãos de Medo, Angústia e Melancolia.

Jonas: Trouxeram algo?

Medo (*respondendo afetuosamente a Jonas*): Oi, Jonas, que bom te rever. Já estava com saudade. Ontem eu estive ausente e peço desculpas. Tinha tanta coisa para organizar que, quando vi sua mensagem, já era tarde. Não quis incomodar. Mesmo sabendo que, comigo, você não tem cerimônia... Como prometido, aqui estou para celebrar com você esse dia tão especial. Já temos tanto tempo de vida juntos que quase já não me lembro da primeira vez que nos conhecemos. Você se lembra? Não trouxe comida nem bebida. Conseguiu dormir?

Angústia (*em resposta a Medo*): Medo, você sabe muito bem que Jonas nunca conseguiu dormir direito. Por mais que tente. Está sempre com a cabeça cheia de inventividades, não consegue respirar. Ainda não aprendeu. Nossa, eu me lembro (*diz em tom sarcástico*) daquela vez, quando ele era pequeno, que

sentiu o coração pulsar aceleradamente pela primeira vez. Vez em que entendeu o amor através de seu melhor amigo. Suava frio, o coração parecia que ia saltar pela boca. Chorou. Chorou por sentir que seu pulsar anunciava algo novo e estranho. Sentiu pelo amigo um desejo molhado. Não podia. Aprendera desde novo que não era o certo, porque era o que muitos, de forma preconceituosa, diziam. Passou a madrugada escrevendo. Escrevendo, sonhando, chorando. Rabiscava o nome do amigo num caderno. E, de confidente, apenas suas lágrimas.

Medo: Devagar, Angústia, a festa mal começou e você já quer terminá-la?

Angústia (*falando para Melancolia*): Pensa nisso, Melancolia. Acreditava ele, ingenuamente, que o tempo era seu melhor amigo. Cúmplice perfeito, braço forte nas angústias da alma. Sabia o que tinha sentido. Não era possível esconder-se. Pedia ao tempo um porre de esquecimento, era simples. Não poderia ter sonhos, vontades... Com o tempo, aprendeu a se contentar com pouco, e com pouco decidiu seguir vivendo. Mas sempre desconfiando da ajuda do tempo. E, à medida que foi envelhecendo, o abandonou. Tempo, grande amigo esse...

Angústia (*dizendo de forma irônica*): Nosso amigo aqui (*com a mão nos ombros de Jonas*) pensava, sofria, chorava. Ainda chora. (*Em resposta a Jonas.*) Também não trouxe comida nem bebida.

Jonas: Eu já quase não me lembro. Quisera eu não mais sofrer por nada. Caminhar sem motivo nem razão. Nem ra-

zão. E aceitar, compreender, caminhar. E já não mais ligar ou me preocupar. Perder estrelas, perder o mar... Que bom que o tempo se dá no próprio tempo e que as memórias se reorganizam. Se estabelecem de outras formas. O que eu senti, naquele momento, carrego como um acontecimento que nunca gerará frutos. Apenas isso. O que vocês trouxeram afinal? Nada? Eu só consegui dinheiro para comprar alguns balões.

Melancolia (*rindo*): Dramático. Sempre foi! (*Entrega a Jonas uma sacola com algumas balas.*) Escolheu a profissão certa. Mesmo eu sempre tendo dúvidas a respeito dessa escolha. (*Diz de forma debochada.*) Lugar instável, estranho. Muito sacrifício para quase nada, dinheiro sempre faltando...

Eu tentei ao máximo fazê-lo desistir da ideia de fazer teatro, de ser ator. Pode algo assim? Ser ator, sendo um homem negro e gay? Já nasceu fadado ao fracasso. As pessoas ficam insistindo na ideia de que o teatro é uma casa coletiva, onde cabe todo mundo e que tudo bem ser gay. Dizem que hoje é mais tranquilo. Mas a gente sabe, sabe de verdade, que tudo isso são apenas falácias. Falácias, mentiras contadas mais de mil vezes. Nós sabemos que, quando a carne sangra e rasga, quem sente é quem vive nos dias. Quem sente é quem não tem medo de ser o que é e quer apenas existir, sobreviver.

Melancolia falando em direção a Medo.

Mas foi impossível convencê-lo a desistir do teatro. E aqui está ele, vejam! (*Aponta para Jonas.*) Solitário, preenchido pelas

memórias do que não foi. Com muita experiência de palco, é verdade, com muitas memórias dos dias mais engraçados e estranhos possíveis. Mas sem dinheiro algum. Nada. Ou melhor, apenas alguns poucos centavos que usou para comprar os balões dessa estupenda (*diz em tom irônico*) festa de aniversário.

Melancolia (*em resposta a Jonas*): Eu não tive tempo de parar para comprar bebida. Nem comida.

Jonas: Só por hoje podemos realmente comemorar? Vocês podem fingir que gostam de mim e me dar de presente a tranquilidade do dia de hoje? Quero muito poder aproveitar o meu milagre de aniversário ao máximo. Por hoje estou feliz e não quero abrir o campo para as lágrimas. (*Fala em direção a Melancolia.*) Eu queria, Melancolia, queria ser dessas pessoas que executam movimentos de vida tranquilamente. Que pautam sua existência na realização tranquila das coisas. Só na existência. Mas eu vivo em prol da sobrevivência, mesmo não a desejando tanto. Eu queria muito ser um ator que não sofre e sangra diariamente. Que pensa menos na forma literal do sangrar e mais na sua interpretação possível, figurada. Um artista que, por mais que tente, não consegue separar raça e saúde mental do seu fazer teatral. Eu queria muito ser um sujeito que não tem dificuldade em chegar ao final do objetivo. Passo constantemente por ideias de fracasso, abandono e autoquíria. Confesso que, se eu penso em separar as partes que sou, me perco sendo a parte que não fui. Não realizo, não sinto, não respiro, não vivo... (*Jonas apreensivo.*) E a Alegria, não vem? Até agora ela não mandou mensagem. Ela ficou de trazer o bolo, algumas comidas, bebidas.

Ficou de trazer mais enfeites. Disse que viria. Tem muito tempo que não a vejo. A parceria dela me faz querer seguir. O riso dela me motiva a vibrar pelo mais banal possível. Estou preocupado. Festa sem a Alegria não é a mesma coisa. Nunca acaba bem. Além disso, só ela sabe a coreografia da minha música preferida. Vocês são péssimos dançando e celebrando.

Jonas ri e fica olhando diretamente para Medo, Angústia e Melancolia.

CENA 3

Barulho de campainha. Batidas na porta. Jonas caminha até a porta de maneira apressada, acreditando que Alegria chegou com o bolo, as comidas, as bebidas e os enfeites.

Ele abre a porta. Assusta-se. Entra Morte carregando uma sacola.

Morte (*diz de forma alegre, abraçando Jonas*): Jonas, meu querido amigo. Que felicidade estar contigo hoje.

Jonas observa Morte, perplexo.

Morte: Mais do que nunca, contei as horas para que esse momento chegasse o mais rápido possível. Você tem fugido bastante de mim, hein!? Você acha que eu não iria celebrar contigo hoje? Ensaiei brevemente nossa coreografia espetacular-sensacional e garanto bons passos de dança. Onde está a comida? (*Olha em direção à guirlanda deixada na cadeira.*)

Morte: Aquilo é uma guirlanda de Natal? Em julho? *(Fala olhando diretamente para Angústia.)*

Morte: Estou com tanta fome!

Jonas *(ainda um pouco confuso)*: Eu estava esperando a Alegria. Como você sabia que hoje é o meu aniversário? Eu não disse a você que faria festa ou algo do tipo. Lembro de ter dito a você que não gosto de comemorações. Droga! Eu senti que poderia ser a Alegria batendo na porta...

Jonas *(falando diretamente para Morte)*: Não é que você não pode estar aqui, fique à vontade. Mas, assim como eu disse para os outros, as coisas ainda não estão prontas e estou aguardando a Alegria chegar com o restante das coisas. Não que a sua presença seja menos importante do que a dela. Não é isso. Mas tem muito tempo que não a vejo e estou ansioso por nossa dança. Ansioso pela presença dela aqui no dia de hoje. Você entende?

Morte *(colocando a mão na cabeça, como se tivesse se lembrado de algo)*: Que cabeça a minha, me esqueci de avisar! Caramba, como eu estou desatento hoje. Deve ser o frio dos últimos dias. Com certeza. O frio daqui está congelando o meu desejo de raciocinar e de me lembrar de qualquer coisa.

Morte *(fala olhando atentamente para Jonas)*: Alegria está lá embaixo. Não deseja subir. Eu confesso que tentei ao máximo que ela subisse comigo, mas foi inútil. Alegria disse que precisa esperar mais um tempo. Parecia triste, pensativa. Vocês brigaram?

Jonas: Esperar mais um tempo? O que será que houve? Não brigamos. Pelo que eu me lembro, não. Mas senti que ela estava um pouco perdida na última vez que nos encontramos. Ela não me disse nada, não me mandou nenhuma mensagem. O que tem na sacola? Você trouxe comida?

Morte *(em resposta a Jonas):* Não trouxe comida nem bebida. Tampouco enfeites ou algo do tipo. Trouxe apenas algumas lembranças. Poesias que estavam guardadas no caderno que eu te dei e que você esqueceu na última vez que nos encontramos.

Morte tira uma carta de dentro da sacola e entrega a Jonas.

Morte: Lembra dessa? Essa poesia carrega muita saudade das pessoas que você já não tem mais em vida. Tem uma poesia, uma visão de mundo que só você possui. Foi um deleite poder lê-la.

CENA 4

Morte começa a ler os poemas do caderno de Jonas. O caderno, que antes fora esquecido, volta no presente momento. Angústia e Melancolia estão sentadas no chão do cômodo. Medo está na porta, observando pela fechadura. Juntos, escutam atentamente a leitura dos textos. Jonas está sentado na cadeira, chupando uma bala.

Morte: Nossa, essa é uma das minhas preferidas. Li hoje pela manhã, no metrô. Quer ouvir um pedaço, Jonas? *(Lendo enquanto Jonas observa o celular.)*

Morte: “Aguardava ansiosamente pelo primeiro contato. Eu a conhecia virtualmente e o coração já escolhera o que festejar. À primeira vista. Olhares e descobertas num texto sensível. E meu coração saltitante, acelerado. Havia uma enorme vontade de falar e de um abraço a ser dado. De um bom tempo esperado. Início de uma bela explanação e minha identificação por tão incrível história. E eu ali estava, maravilhado. Por cada palavra dita. Uma noite de palavras. De chocolate quente. Calorosamente adoçando nossos corações.”

Morte (*com extrema animação*): Nossa, deu até vontade de tomar um chocolate quente. Aliás, tem cerveja aqui?

Morte (*pergunta para a Angústia*): Tem?

Angústia: Nada, nenhuma. Estamos esperando. Esperando Alegria para ver se ela traz alguma coisa. Mas ela não sobe. Não chega nunca.

Morte (*olhando novamente para o caderno*): Hum! Acabei de me lembrar de uma poesia sua que também é muito boa. Só um momento (*procura nas páginas do caderno*).

Morte: Achei, achei!

Morte (*lendo para Jonas*): “De todo o amor e tempo que me falta, faltam palavras. Argumentos precisos. Para que eu sinta coragem e necessidade extrema para escrever. É, falta coragem para não ter coragem.”

Morte: Caramba, Jonas, cê tem as manha, hein?! Já pensou em ser escritor?

Angústia: Com certeza seria bem mais feliz e ganharia mais dinheiro. Mais do que sendo ator. Ou estando no teatro...

Jonas: Eu já estou me cansando de vocês. O que era para ser uma festa, uma celebração, com enfeites, música, bolo e suco, virou um acontecimento tedioso. Uma completa frustração. Morte, chega de ficar lendo as minhas poesias (*toma o caderno das mãos de Morte*). Isso é passado. Já se perdeu no tempo. Foram palavras escritas por um náufrago escritor. Num período em que eu aspirava ser a nova versão contemporânea de Machado de Assis. Uma pseudoversão na verdade.

CENA 5

O telefone celular vibra. Jonas pega o celular rapidamente para ver a mensagem na tela. Medo, Angústia, Melancolia e Morte observam atentamente. Silêncio. Aos poucos, os seus olhares vão em direção à porta. Jonas, de cabeça baixa e com as mãos na coxa, começa a cantar a sua música preferida. Aquela que só ele e Alegria dançariam. Ninguém mais aparece ou bate na porta.

Jonas (falando diretamente para a Morte): Eu me lembrei de uma poesia que nunca escrevi no caderno, uma que eu guardo só para mim. Uma poesia-canção que me foi companheira em todos esses anos. Querem ouvir?

Morte, Medo, Angústia e Melancolia: Sim. Pelo jeito a Alegria não vem e sem ela não haverá festa. Se esse é apenas o único divertimento que nos resta na noite de hoje, declame para nós, dê o seu melhor.

Jonas: Eu não consigo mais ser fiel a essa herança. Ser herdeiro do banzo, do pranto e do sonho. Na minha alma já não há espaço para os dilaceramentos causados durante tantos muitos anos. Sigo caminhando em desatino, traçando destinos. Deglutindo o presente, eclodindo sementes. Na palma da mão, o riso. No coração, um mar, inavegável. De amuleto, a lembrança do agora permeado pelo alvorecer da aurora. Eu tenho um sonho. Repito, eu o tenho. Eu desejo um sonho, repito, eu desejo. Eu desejo um sonho. Repito, eu desejo. Eu necessito sambar os dias, saudando as vidas que se dissipam. Eu, agora, corpo condutor. Ora conduzido, por vezes, guiante. Guiado. Pode o riso rir de mim? Acrescento: pode o riso vir de mim, até, durante e depois de mim? Eu fabulo pensamentos inacabados, como a trajetória dos entes que aqui mais não estão. Para sarar, eu penso logo numa bula, um guia para recomendação. Um pequeno manual de salvamento, do tempo, da alma em solidão. Se for para rir, utilizo essa opção. Escuto o passo do meu povo, compasso da minha legião. Pre-núncio de um delírio, firmado em comunhão.

Jonas (*perguntando para Morte, Melancolia, Medo e Angústia*): E então, gostaram? O que acharam?

Silêncio. Jonas lê novamente a mensagem enviada por Alegria.

Algumas lágrimas saltam do seu rosto e vão em direção ao chão.

Jonas (*falando para o público*): O que me resta é jogar os meus olhos em correnteza. Polidos de fluidez, ressaca e coração. O que resta é enxergar o tempo em tentáculos, partículas de ser e estar. Provocar internamente uma revolução caótica, desenfreada. E, com tudo isso colocado em desordem, não sentir temor algum. Acreditem, o coração sente os estados da água. E eu, entrelaçado nos mais profundos intervalos de tempo, me despeço de vocês e da dúvida daquilo que um dia eu tentei ser. Daquilo que eu não fui e agora, mais do que nunca, jamais serei.

CENA 6

Batidas na porta. Silêncio. Morte vai em direção à porta. Abre. No chão, uma pequena sacola e, dentro dela, um bilhete.

Morte (*lendo o bilhete*): “Que você possa ser feliz hoje e sempre. Me perdoe, não podia celebrar. Não acordei muito bem hoje. Tem dias que o Sol não chega no coração. Afetuosamente, da sua amiga querida, Alegria.”

Medo, Angústia e Melancolia decidem ir embora. Se despedem de Jonas e saem pela porta. Morte fica por mais alguns instantes. Observa Jonas.

Morte: Jonas, obrigado pela excelente noite. Não aconteceu

bem como você previa, mas, vamos concordar, foi deveras interessante. Sinto que nos veremos logo. Portanto, não me despeço com um adeus. Até breve, meu amigo. Mando notícias quando chegar em casa.

Jonas observa a sacola de presentes enviada por Alegria. Abre. De dentro dela retira uma garrafa de vinho e uma pequena caixa. Dentro da caixa, observa que há alguns comprimidos. Retira-os e aos poucos os ingere. Ouve-se estouro de balões ao fundo. Blackout.

FIM



CÉSAR DIVINO

César Divino é um ator novalimense, teatro-educador, escritor, dramaturgo e pesquisador. É graduando em Filosofia pela Universidade de São Paulo e estudante do curso Técnico em Humor na SP Escola de Teatro - Centro de Formação das Artes do Palco. Possui formação técnica em Teatro pelo Teatro Universitário da Universidade Federal de Minas Gerais. Fez parte, como ator e pesquisador, dos coletivos teatrais Coletivo Impossível e Coletivo Akofena, ambos sediados na cidade de Belo Horizonte e que tiveram passagem por festivais de teatro nos estados de Santa Catarina, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Possui formação livre em Cinema e Audiovisual pela Escola Livre de Artes Arena da Cultura em Belo Horizonte. É também membro do Coletivo de Teatro Negrura na cidade de São Paulo e do coletivo Timbuctu, na cidade de Nova Lima, Minas Gerais.





BORETA

por Michel Xavier



BORETA

por Michel Xavier

“Até que os leões inventem as suas próprias histórias, os caçadores serão sempre os heróis das narrativas de caça.”

Provérbio africano

Palco dividido em dois. Ao centro, demarcando a separação, uma mesa circular com duas cadeiras (uma de cada lado) sob um pino de luz amarelada. Na mesa, uma cafeteira, ainda desligada. Ao fundo, um telefone, orelhão. Cada lado representa um tempo. O lado direito demarca a juventude, o lado esquerdo, a velhice.

Do lado direito, um sofá de três lugares e uma mesinha baixa um pouco à frente do sofá lembram uma sala de estar. Há um notebook aberto em cima da mesinha, uma garrafa de vinho e uma taça pela metade.

Do lado esquerdo, uma cadeira de balanço. Um retrato antigo, de um casal preto, pintado a óleo, emoldurado e pendurado. Ao lado da cadeira de balanço, uma mesinha baixa semelhante à do lado direito, só que mais antiga, com alguns livros velhos, um caderno e um engradado de cerveja. TV antiga desligada ao lado da mesa.

Som ambiente. (Música “Exu” – Serena Assumpção)

2 PERSONAGENS.

O MAIS JOVEM: homem preto, entre 20 e 30 anos, veste uma camiseta preta, uma camisa branca por cima, bermuda e chinelos brancos.

O MAIS VELHO: homem preto, entre 50 e 60 anos, veste calça e camisa pretas. Está descalço. Os sapatos brancos estão visíveis num canto da cena.

Ambos entram em cena juntos, caminham até o centro do palco, param, se olham, olham para o público. A música diminui lentamente, acende luz vermelha.

O Mais Velho está do lado esquerdo, O Mais Jovem do lado direito.

O Mais Jovem: Eu sou ele no passado.

O Mais Velho: Eu sou ele no futuro.

Ambos para a plateia: Vocês são nós no presente.

Telefone toca algumas vezes e diminui gradativamente até começarem as falas e depois para. Ambos retornam para o seu canto da sala. Luz vermelha apaga, fica a luz ambiente.

O Mais Jovem: Atende, deve ser pra você.

O Mais Velho: Acho pouco provável, ninguém liga mais pra mim.

O Mais Jovem: Depois de velho, deu pra ficar dramático, foi?!

O Mais Velho: Dramático é teu passado! Vai, atende logo... Você não tava esperando uma ligação sobre aquela vaga de emprego?

O Mais Jovem (*suspira*): No fim, eu nem queria o emprego. Eu preciso da grana, você sabe. Mas eu nunca paro em emprego nenhum. Parece que eu não me encaixo.

O Mais Velho: Mas você também não sabe o que quer da vida!

O Mais Jovem: E você sabe?

Silêncio.

Ambos se olham.

O Mais Velho (*para o público, luz vermelha durante a fala*): Neste momento, eu poderia dizer a ele que sei. Que, após tantos anos de estrada, a gente sabe de quase tudo. O que obviamente seria uma mentira. Sabemos de algumas coisas, é verdade, no entanto há muito que não sabemos. Dito isto, gosto de me lembrar de um provérbio africano que diz: “Os mais jovens podem até caminhar mais rápido, mas são os mais velhos que conhecem a estrada”.

O Mais Jovem caminha rapidamente até o sofá, senta-se e começa a mexer no notebook.

O Mais Velho: E esse computador aí? Que tanto você mexe nele?

O Mais Jovem: Tô escrevendo uma peça de teatro.

O Mais Velho (*suspira sem entusiasmo*): Ah... uma peça.

O Mais Jovem: Isso! Uma peça que vai falar sobre a importância do amor-próprio para nós, homens negros!

O Mais Velho (*com deboche*): Tá. Grande coisa...

O Mais Jovem: Cê não acha?

O Mais Velho: E eu por acaso tenho que achar alguma coisa?

O Mais Jovem: Alguma coisa ou a coisa toda, eu não sei. Mas pensa comigo que bonito (*entusiasmado*): a gente poder falar que nós, homens negros, nunca fomos ensinados a nos amar. Que desde sempre a gente é ensinado que não pode chorar, que não pode demonstrar fraqueza, que precisa ser forte o tempo todo. Imagina a gente poder pensar que, toda vez que se sentiu feio, inadequado ou desprezado, a solução seria... talvez... a gente amar a si mesmo! Se cuidar! Se acolher...

O Mais Velho: Blá-blá-blá...

O Mais Jovem: Insensível!

O Mais Velho: Blá-blá-blá...

O Mais Jovem: Você sempre foi assim?

O Mais Velho: Assim como?

O Mais Jovem: Amargurado?

O Mais Velho: Meio amargo... Igual chocolate... Quando eu era jovem, era mais esperançoso. Fica tranquilo, logo passa...

O Mais Jovem (*pensativo*): Tomara que não!

O Mais Velho: Tá. Mas e a peça?

O Mais Jovem: O que tem?

O Mais Velho: Como termina?

O Mais Jovem: Eu não sei! Tô escrevendo há meses e não consigo terminar.

O Mais Velho (*com deboche*): Deixa eu adivinhar? Preguiça... Procrastinação... Falta de foco... Por isso você não consegue terminar.

O Mais Jovem (*espantado*): Como você sabe?

O Mais Velho: É que ela começa aí e termina aqui (*caminha até a mesa e mostra um caderno*). Ou melhor, não termina (*caminha triste pela sala, pega uma cerveja*). Preciso de uma cerveja.

O Mais Jovem (*para o público, luz vermelha durante a fala*): Neste momento, eu poderia dizer a ele que ele não consegue terminar a peça porque se tornou um velho ranzinza e perfeccionista. Que acha que nada do que ele faz tá bom o suficiente e que, por essas e outras questões, optou por mergulhar na bebida como forma de lidar com o que sente, ou melhor, não lidar com o que sente. Dito isto, gosto de pensar naquele provérbio africano que diz: “Quando não souber para onde ir, olhe para trás e saiba pelo menos de onde veio”.

O Mais Velho abre a cerveja, senta-se na cadeira de balanço e, quando vai beber, é interrompido.

O Mais Jovem: Ah não... Você vai começar logo cedo hoje?!

O Mais Velho: O que tem? Eu já tô aposentado, trabalhei a vida inteira. Eu mereço...

O Mais Jovem: Merece... Você merece não se afundar nisso, isso sim! Você lembra quando e por que começou a beber?

O Mais Velho (*deixa a cerveja de lado*): Foi com meu pai. Eu nem gostava de beber. A gente tinha ido jogar bola com o pessoal da firma. Quando acabou o jogo, todo mundo foi pro bar, e eu não sabia o que pedir. Ele pediu um Bombeirinho,

o amigo dele pediu uma cachaça e eu fiquei sem jeito por não saber o que beber. Aí decidi pedir um Cinzano, bebida doce. Quando os amigos dele viram, começaram a zoar: “Ih... Olha lá seu filho bebendo Cinzano, coisinha doce, bebida de mulher, sei não, hein...” (*pensativo*). Daquele dia em diante, prometi que ia ser homem de verdade, aprender a beber e gostar de cerveja. Nunca mais parei.

Silêncio.

(Música “Meu Velho Pai” – Carmen Silva)

Telefone toca algumas vezes (interrompendo a música) e diminui gradativamente, até começarem as falas. Depois, diminui gradativamente, até parar totalmente. O Mais Velho caminha pelo espaço e, por um instante, pega o caderno em cima da mesinha.

O Mais Jovem: E esse caderno aí? Termina ou não termina a nossa peça?

O Mais Velho: Nossa... é muita coisa...

O Mais Jovem: E sua, é pouca coisa... (*Pensativo.*) E por falar em pouca coisa... É difícil ter vergonha, né?

O Mais Velho: Por que diz isso?

O Mais Jovem: Sei lá, fiquei pensando no que você disse sobre

a bebida. É que às vezes uma coisa pequena ganha grandes proporções. Pensei na sua vergonha por não fazer parte... Não saber o que fazer. Não deve ter sido fácil. Será que alguma coisa podia ter sido diferente? Será que você podia ter feito algo?

O Mais Velho (*desconversando*): Podia... Podia ter terminado a peça quando era jovem.

O Mais Jovem: Tô falando sério...

O Mais Velho: E por acaso eu tô brincando?!

O Mais Jovem: Com acaso ou sem acaso, me sensibilizo por você. Sabia que eu também já passei umas tantas vergonhas na vida? (*Dá um gole grande na taça de vinho.*) Me lembro agora de uma vez que eu tava na faculdade...

O Mais Velho (*para o público, luz vermelha durante a fala*): Ele saía da gráfica em que trabalhava cheirando querosene e ia direto pra faculdade. Quando chegava, corria pro banheiro, passava uma água no rosto, um desodorante pra tentar disfarçar o cheiro e subia pra sala.

O Mais Jovem: Eu era o único aluno negro da sala. Era tudo muito novo pra mim, eu estava com medo, inseguro, tentava fazer amizades, parecer legal. Lembro de uma vez que eu tava numa roda de conversa com algumas meninas, o tema era relacionamento, pegação, essas coisas... Aí uma delas, menina branca, vira pra mim e diz: “Você é tipo camarão.

Não é muito bonito de rosto, mas até que tem um corpo bonito... é gostosinho... dá pra..." *(se vira para o público repentinamente e diz)* Comer! Eu chegava na faculdade e quase nunca tinha dinheiro pra comer alguma coisa. Mas não era isso que eu ia falar. O que eu ia dizer mesmo? Beleza... Beleza... Ah, beleza. Lembrei. Eu já tinha problemas de autoestima por vários motivos e, pra ajudar, minha mãe sempre dizia que eu era feio, que não ia arrumar ninguém, que nunca ia casar. Ela foi criada assim, acho que não falava por mal. Então acabei normalizando aquela fala. Só alguns anos depois me dei conta.

O Mais Velho: Essa conta não fecha!

O Mais Jovem: Como assim?

O Mais Velho: Eu estava falando de não conseguir terminar a peça e você vem com história triste?

O Mais Jovem: E existe outra história a ser contada?

O Mais Velho *(caminha pelo espaço e, quando pega a cerveja, reclama):* Putz, a cerveja até já esquentou. Vou pegar outra, quer? *(Pega a cerveja e abre. Quando vai beber, é novamente interrompido.)*

O Mais Jovem: Não! Caramba! Eu te contei uma história marcante pra mim. Falando sobre minhas fragilidades, minhas vergonhas, sobre como eu me sinto e você ignora?

O Mais Velho: Blá-blá-blá. É sempre a mesma história: Óh, como sofro... Óh, como o mundo é cruel... Óh, como sou injustiçado... Óh... Óh... Óh...

O Mais Jovem: É sério! Eu fico mal quando lembro disso!

O Mais Velho (*com deboche*): Ô, tadinho... Vai cortar os pulsos com a faquinha de manteiga, vai?!

O Mais Jovem (*indignado*): Não! Mas devia te colocar na minha peça como um personagem velho, frustrado, ranzinza...

O Mais Velho: Nessa peça que nunca termina? Ah tá... (*Ficando impaciente.*) E, de mais a mais, a vida não há de ser só tragédia.

O Mais Jovem: Não?

O Mais Velho: Não! Olha esse trecho que escrevi na peça. (*Ambos vão até o centro, O Mais Velho mostra o caderno.*)

(*Música “Autoestima” – Baco Exu do Blues*)

Telefone toca novamente e gradativamente diminui.

O Mais Jovem: Nada mal. Já li coisa pior vindo de gente que escreve melhor.

O Mais Velho (*indignado*): Como é que é?!

O Mais Jovem: Nada não... Esquece.

O Mais Velho: Você gostou mesmo?

O Mais Jovem: Gostei, pô.

O Mais Velho: Não sei... Acho que ainda não tá bom... Pode ficar melhor...

O Mais Jovem: Sempre pode e nunca fica.

O Mais Velho: Pensando bem, acho que a questão não é nem se pode ficar melhor ou não.

O Mais Jovem: Não?

O Mais Velho: A questão é: ficar melhor pra quem?

O Mais Jovem: Como assim?

O Mais Velho: Vamos supor e apenas supor que a solução pra terminar nossa peça...

O Mais Jovem (*interrompe*): Nossa peça?! Vejo que as coisas mudaram.

O Mais Velho: A única coisa permanente é a mudança. Mas não perde o foco! Vamos supor que a solução para o fim da peça seja o tal do amor-próprio, como você diz.

O Mais Jovem: Certo.

O Mais Velho: Quem vai me dizer se a peça ficou boa ou não?

O Mais Jovem: Eu! Quer dizer... Você mesmo. Você vai dizer se está boa ou não.

O Mais Velho *(em tom crescente):* Mas e se eu não achar que está boa o suficiente? E se eu não me considerar capaz de escrever algo bom? E se eu esperar a aprovação das outras pessoas? E se minha peça não for curtida? E se... E se... E se eu precisar que alguém me diga que está boa e que vai ficar tudo bem? *(Pausa, ofegante.)* Preciso de uma cerveja!

O Mais Velho anda pela sala rapidamente, pega uma cerveja, abre e, quando vai beber, é interrompido.

O Mais Jovem: Calma! Senta aqui. *(Mostra a mesa ao centro. Ambos se sentam.)* Às vezes passa muita coisa na cabeça da gente.

O Mais Velho *(aflito e irônico):* Não me diga!

O Mais Jovem: Digo...

O Mais Velho: E o que você sugere?

O Mais Jovem: Vamos passar um café?

O Mais Velho: Tá falando sério?!

O Mais Jovem: Não, tô brincando! É claro que tô falando sério...

O Mais Velho (*resignado, deixa a cerveja de lado*): Tá... Que seja.

Ligam a cafeteira. Silêncio.

(Música “Mãe” – Emicida) Baixa gradativamente.

O Mais Velho: Quem fazia um café bom mesmo era minha mãe.

O Mais Jovem: Eu sei. Vocês se davam bem, né?

O Mais Velho: Quase sempre. Às vezes a gente discutia.

O Mais Jovem: E por quê?

O Mais Velho: A gente era muito parecido e muito diferente. Ela não gostava de ser preta, achava que a gente tinha que se submeter a muita coisa pra conseguir subir na vida. Eu discordava, eu discordo. Já me submeti a muita coisa, mas às vezes a gente explode, não baixa a cabeça.

O Mais Jovem: E isso acontecia sempre?

O Mais Velho: Sempre, não, mas teve uma vez que não baixei a cabeça. A polícia me pegou e fiquei com medo de morrer.

O Mais Jovem: Sério? Como foi?

O Mais Velho: Eu tinha saído do trabalho, tava no ponto esperando o ônibus pra voltar pra casa e uma viatura passou do outro lado da rua. Os policiais ficaram me encarando e eu encarei de volta, não tava devendo nada. Resultado: eles deram meia-volta, me enquadraram com direito a tapa na cara, soco no peito e três horas rodando no camburão da viatura pra depois ser solto no meio do nada.

O Mais Jovem (*apreensivo*): E aí?

O Mais Velho: E aí que, quando cheguei em casa, tarde da noite, meus pais estavam preocupados. Quando contei o que aconteceu, meu pai disse: “Coitado! Não merecia isso!”.

O Mais Jovem: E sua mãe?

O Mais Velho: Veio com um dos ditados populares dela: “Coitado é filho de rato, que nasce pelado no meio do mato! Se baixasse a cabeça, não tinha apanhado. Coisa boa não tava fazendo”. Fiquei indignado.

Silêncio.

O Mais Velho levanta, caminha até a TV e a liga.

Som em off de noticiário relatando a violência policial contra homens negros.

O Mais Jovem: Desliga isso! Vem, senta aqui. A água tá

quase pronta.

O Mais Velho: Tô cansado de baixar a cabeça, sabia?! Sempre fiz isso: no trabalho, nas relações amorosas, na escola... Como é aquele teu papo de amar a gente mesmo?

O Mais Jovem: Que o amor-próprio é fundamental para nós, homens pretos, conseguirmos existir?

O Mais Velho: Bonito isso.

O Mais Jovem: A água tá no ponto.

O Mais Velho: É... esse é ponto! Posso? *(Faz menção de “passar” o café, mas pra isso precisa atravessar para o lado da juventude.)*

O Mais Jovem: Claro. *(Olha em direção ao caderno que está em cima da mesa do outro lado da sala):* Posso?

O Mais Velho: Claro.

Telefone toca.

O Mais Velho faz o café enquanto O Mais Jovem encontra uma carta no meio do caderno antigo. Telefone para de tocar gradativamente.

Ambos se sentam, mas agora estão no lado oposto em que estiveram durante toda a peça.

O Mais Jovem (*nostálgico*): Toda vez que eu tinha um problema que eu achava que não tinha solução, eu sentava com a minha mãe pra conversar. Apesar das nossas divergências, ela sempre me escutava atenta, e vez ou outra ria. Dizia: “Seu Boreta! Deixa de ser bobo, deixa de bestagem... Daqui a pouco tudo se ajeita”.

O Mais Velho: E se ajeitava?

O Mais Jovem: Quase sempre sim. Quando não se ajeitava, eu escrevia (*mostra o papel na mão*).

O Mais Velho: E esse papel aí na sua mão?

O Mais Jovem: É uma carta antiga. De mim para você. Achei no seu caderno.

O Mais Velho: Foi escrita há muito tempo, né?!

O Mais Jovem: Como você sabe?

O Mais Velho: Fiz uma cópia com medo de perder.

O Mais Jovem: É o nosso final?

O Mais Velho: Talvez...

O Mais Jovem: Vamos ler?

O Mais Velho: Vamos!

Ambos caminham lentamente, sentam-se na mesa. O Mais Velho serve o café. Brindam. Luz baixa. Pino de luz na mesa. Começam a leitura.

Ambos: Diário de bordo, ou melhor, pretário de bordo.

O Mais Jovem: Você sou eu no futuro.

O Mais Velho: Eu sou você no passado.

O Mais Jovem: Te escrevo para dizer de tudo que tenho passado. Há poesia nas janelas, mas elas estão sujas. Procuo olhar o horizonte, mas, em vez de pontes, vejo muros. Não é fácil ser um homem preto em tempos tão duros. Ainda assim eu teimo, dia após dia. Meu autocuidado preto é a poesia.

O Mais Velho: Te escrevo pra sonhar com um futuro que não sei se há de vir. Nesse sonho, a palavra de ordem é: sorrir. Dizem que um sorriso negro traz felicidade. E, depois de certa idade, a gente esquece que, desde os tempos de escola, o sonho era ser jogador de bola. Você sabe como é... Todo menino preto de quebrada sonha em ser jogador de futebol. Mas, com o tempo, a gente quer apenas um lugar ao sol e vai perdendo o sorriso. Por isso, não esquece: amar-se é sobretudo ter um lugar à sombra. Descansa.

O Mais Jovem: Dizem que a África está nas crianças, e o mundo está por fora. Agora te acalma, menino. Lembra dos dias sorrindo. Lembra que todo caminho se faz indo e que

voltar é sempre necessário. Brinca! Faz xis no calendário, gira a ampulheta ao contrário e deita na grama num dia de outono. Amar a si mesmo é ser dono do mundo, mesmo quando a vida diz o inverso.

O Mais Velho: Descompõe o verso enquanto compõe a vida. Descobre que a única saída é ser generoso consigo. O mundo não gira em torno do seu umbigo, mas sem ele o mundo também não existe. Resiste, mas também não esquece de viver. Mesmo que eles combinem de nos matar, a gente vai combinando de não morrer. E a gente vai vivendo, se amando aqui, ali, acolá... Caminha que viver é isso: É dar o passo sem medo da queda ou de qualquer tropeço.

Ambos: “Nós somos começo, meio e começo.”

Telefone toca. Luz diminui gradativamente enquanto ambos caminham em direção ao telefone.

(Música “Preciso Me Encontrar” – Cartola)

A música aumenta gradativamente enquanto a luz diminui. Ambos tiram o telefone do gancho juntos. A luz apaga. A música diminui lentamente.

FIM



MICHEL XAVIER

Michel Xavier é poeta, ator e psicólogo nas horas vagas. Aluno do curso de Dramaturgia na ELT – Escola Livre de Teatro de Santo André, sob a orientação de Daniel Veiga e ex-aluno do Terreiro de Teatralidades Pretas, sob a orientação de Salloma Salomão e Flávio Rodrigues. O espetáculo *Boreta* é seu primeiro trabalho dramático, mas dizem que outros estão por vir. Cofundador e ator da Companhia de Teatro Flor do Asfalto, coletivo da zona leste de São Paulo que circulou por diversos espaços culturais, através dos editais VAI I e VAI II, além de ser a cara do 28º Festival Estudantil – FETESP Tatuí, em 2023. Foi Conselheiro Gestor da Casa de Cultura Raul Seixas (2016–2018), período em que também integrou a Rede das Culturas da Zona Leste. Diretor e atleta pelo Clube Atlético Leões de Itaquera, time de várzea da zona leste paulistana, tem na arte e no futebol suas grandes paixões.





DEPOIS DA FRONTEIRA

por Monize Moura



**DEPOIS DA
FRONTEIRA**

por Monize Moura

PERSONAGENS:

MULHER 1 É NEGRA

MULHER 2

(AMBAS DO SUL GLOBAL.)

1.

A cena vai se iluminando aos poucos.

Música.

Duas mulheres estão enfiadas em buracos, de ponta-cabeça. Procuram algo. Por vezes, veem-se partes de suas pernas, costas ou pés. Por outras, um cotovelo, antebraço, mãos.

Procuram.

Iluminam-se, enfim, duas pequenas caixas de madeira.

2.

As duas mulheres não se relacionam diretamente em cena. Preparam uma mala.

Mulher 1: Imagina esquecer.

Mulher 2: Pensa no principal.

Mulher 1: Imagina você só perceber chegando no aeroporto.

Mulher 2: O passaporte.

Mulher 1: Imagina!

Mulher 2: É a única coisa que você não pode esquecer...

Mulher 1: Não dá! Não pode! Você faz uma lista, você anota tudo, revisa.

Mulher 2: ...porque viagem é sempre stress.

Mulher 1: Não é qualquer viagem.

Mulher 2: Ainda mais à França.

Mulher 1: Passaporte, visto...

Mulher 2: Você conhece a França?

Mulher 1: ...comprovante de residência, carta-convite...

Mulher 2: O que você leva pra Paris?

Mulher 1: ...tudo.

Mulher 2: Dez pares de meias, 16 calcinhas, cinco sutiãs, três pijamas...

Mulher 1: Uma burocracia do cacete.

Mulher 2: ...uma segunda pele.

Mulher 1: Eu terminei de arrumar a mala, exausta, e já fui fazer o check-in. Olha isso: 48 horas antes!

Mulher 2: Faz as contas, vê se é suficiente.

Mulher 1: Aí, quando eu tô fechando o computador, eu me dou conta de um detalhe fundamental.

Mulher 2: Porra, como é que você esquece disso, da coisa mais óbvia?!

Mulher 1: Eu não conseguiria entrar na França se não retirassem todos os meus órgãos.

Pausa. Som de um chiado interno, fluxo sanguíneo, batidas do coração.

Mulher 1: Todos. Então, eu fui providenciar, além da mala, um lugar para esse procedimento de tirar tudo.

Mulher 2: Faringe, laringe, esôfago, estômago, intestinos, pulmões, coração, rins, bexiga, ovários e útero.

Mulher 1: E isso dois dias antes de viajar. Dois dias! Você imagina?

Mulher 2 (*apalpa-se, constatando*): Claro!

Mulher 1: Onde é que eu ia fazer um negócio desses?

Mulher 2 (*como se repassasse um checklist*): Olha no site do aeroporto! Olha no site do consulado! Olha tudo!

Mulher 1: Aí que eu fui saber que existia uma clínica só pra isso.

Mulher 2: Toda pessoa que vai pra França tem que olhar. É obrigatório.

Mulher 1: Loucura, né? Como é que eu nunca tinha ouvido falar...

Mulher 2: Aerossol, objeto cortante... Nada disso pode ir na mala de mão.

Mulher 1: Por sorte, consegui uma vaga.

Mulher 2: Então eu fui lá e tirei tudo. Tudo o que não podia.

Mulher 1: Só que aí me veio um estalo...

Mulher 2 (...)

Mulher 1: ...eu precisava fazer algo com aqueles órgãos. Eu não podia simplesmente abandonar aquilo ali, feito um lixo hospitalar. Então, nessa clínica, eu pedi pra cremar aquelas

minhas partes e guardei as cinzas em uma caixinha.

Mulher 2: O ritual de aeroporto.

Mulher 1: Embarquei.

Mulher 2: Desembarquei.

Mulher 1: Entrei na fila da imigração.

Mulher 2: Você mostra seu documento e ganha o carimbo.

Mulher 1: O carimbo te dá um lugar.

Mulher 2: *Bonjour.*

Mulher 1: *Brésilienne.*

Mulher 2: Oui.

Mulher 1: *Étudiante.*

Mulher 1 e Mulher 2: Tudo certo.

Mulher 2: Enfie a mala por uma esteira, pra passar pelo scanner, e cruzei um arco com um detector de metais.

Mulher 1: Aí, do nada, a porra do alarme apitou. Então, eu fui tirando peça por peça.

Mulher 2: Anéis, presilhas de cabelo, cachecol, casacos, colares, cinto, meias, sapatos, metais...

Mulher 1: Apitou de novo. Fodeu. Eram as cinzas.

Mulher 2: ...tinham ficado no meu bolso.

Mulher 1: *Mademoiselle, cela est interdit.*

Mulher 2: Senhorita, isso aqui é proibido.

Mulher 1: *Pardon?*

Mulher 2: A senhora não pode entrar com cinzas.

Mulher 1: *Vous ne pouvez pas porter ceci.*

Mulher 2: Como?

Mulher 1: *Je suis désolé.*

Mulher 2: *Pardon?*

Mulher 1: *Pas possible.*

Mulher 2: Espere aí, meu senhor, você sabe, essas cinzas...

Mulher 1: Como é que eu ia explicar para aquele homem que

eu tinha feito tudo certo para poder entrar na França?

Mulher 2: E eu falando numa urgência porque eu estava na iminência de ver aquele cara jogar as cinzas numa lixeira, como quem descarta um xampu!

Mulher 1: Espere! O senhor não pode, moço, jogar isso aí. Espere!

Mulher 2: E ele: “Senhora, com isso não é possível entrar. *Désolé*”.

Mulher 1: Como é que eu ia explicar para aquele homem que aquelas cinzas eram eu?

Pausa.

Mulher 1: Aí eu parei com essa caixa na mão.

3.

Música J'ai Deux Amours, na versão de Joséphine Baker. Projetam-se imagens de uma Paris glamourosa, que aos poucos se somam a fotos das duas mulheres, algumas com closes de partes do corpo delas ou de pedaços de documentos oficiais.

4.

Mulher 2 contempla as imagens projetadas. Em seguida, volta-se na direção do público.

Mulher 2: Amo essas fotos! Amo foto, gente. Amo todo tipo de foto!

Desde criança eu vejo minha mãe fazendo álbuns de fotografia.

Sou doida por isso!

E os álbuns de minha mãe são grandes, alguns em brochura, cheios de detalhes.

É engraçado, assim... você pega a capa deles... tem um monumento, uma praça na Europa, que você nunca viu na vida.

Aí, por dentro, você abre, está lá... Divina Pastora.

Você conhece Divina Pastora? A cidade! Imagine!

Por dentro, é incrível! Tem cenas inteiras, retratos, umas silhuetas recortadas. E tudo narrado, legendado: a data precisa, quem era quem... e às vezes até uns comentários: “aniversário de 3 anos, com os primos fulano, sicrano e beltrano”.

Todas as vezes que volto, eu revejo esses álbuns.

Eu fico horas nisso, vendo a mesma história.

Eu fico horas nisso, vendo a mesma história.

Eu fico horas nisso, vendo a mesma história.

A questão é que, no ano passado, a minha mãe resolveu reformar a sala. Coisa pouca. Estava mesmo precisando.

Mas só aos 70 é que ela conseguiu juntar um dinheiro pra arrumar. Disse que não queria morrer sem o prazer de organizar a casa dela do jeito dela.

Só que tinha ficado feio.

Pausa.

Eu não fiz nenhum comentário porque, claro, aquilo era uma conquista pra ela. Eu sei. Eu sabia disso.

Mas era feio.

Era feio.

Pausa.

E aí ficou aquela situação difícil, não é? Eu olhando aquilo tudo... Ela, toda orgulhosa, me mostrando a luz de led, o móvel planejado...

E eu sem dizer nada.

Aí comecei a dar falta da estante com os álbuns de fotos.

Incisiva.

– Por que você tirou daqui?

Estranho eu dizer aquilo. Imaginei minha filha falando comigo naquele tom.

– Mas você poderia ter me consultado.

Ela poderia ter me consultado.

Mas por que, se a casa é dela?

Aí, finalmente, ela me disse que tinha colocado os álbuns num quartinho meio depósito e me levou para vê-los.

Juro, sem brincadeira, uma zona!

Casa de mãe – eu pensei na hora.

Tinha tanta coisa naquele lugar, tanta coisa... Sabe gente acumuladora?

Aí eu respirei, porque a gente tem que relevar, não é?

Poxa, é uma senhora – você pensa. Setenta anos...

Só que a questão é que eu já não tinha mais certeza se os álbuns todos estavam lá.

Eu olhei meio por cima, contei...

Porra, tá faltando coisa. Estão faltando alguns...

– Cadê os outros?

Aí ela olha pra mim e me diz assim: “Por aí...”.

Silêncio.

Por aí?

Aí ela me disse que, na reforma, tinha jogado muita coisa fora, que pegou uma caixa cheia de coisas dela – foi assim que ela disse –, coisas da infância dela, da adolescência, agenda, diários, uma coleção de cartas que ela escrevia desde os 7 anos... sabe... essas coisinhas? Pois pegou tudo isso, colocou numa caixa e tocou fogo. Isso mesmo, tocou fogo. TO-COU FO-GO. E que achava que os álbuns tinham ido junto.

– Como assim? Você queimou? Você surtou?

Eu não sei! Eu não sei se você consegue entender, mas não entra na minha cabeça a pessoa pegar as coisas que ela juntou a vida inteira e, do nada, queimar! Porque se fosse alguém que não ligasse pra essas coisas, não sei, acho até que eu entenderia. Mas ela? Porra, aquela pessoa que zelava? Aqueles álbuns... Uma coisa feita com tanta doação, tanto carinho... Uma coisa de anos. Anos! Uma coisa... Olha, eu não consigo nem explicar. Anos vendo aquelas fotos. Aí ela me toca fogo?

Então, ela me explicou que tinha feito isso porque estava perto de morrer, que era trabalhoso cuidar daquilo e que não queria deixar esse trabalho pra mim.

Aí eu fiquei mais puta ainda. Porra, ela partiu pro lugar de vítima!

E aí a conversa descambou. Eu falei alto, ela mais alto ainda... a coisa foi escalando... até que ela soltou que podia fazer o que bem quisesse com “aquele raio daqueles álbuns” porque eram DELA, DA VIDA DELA!

Silêncio.

Alguma coisa se quebrou ali, sabe?

Sim, eram dela! – eu pensei. Realmente, são as coisas dela.

Mas, porra, não eram só dela. (...) Não eram só dela. Tinha foto do meu pai, deles dois, da minha avó, das minhas tias, fotos minhas... cartas que eu escrevi pra ela, desenhos meus de criança feitos pra ela... E aí não só os álbuns... tudo! Até as agendas dela, sabe? Um caderno de receitas que ela copiava. O diário – ela teve um diário! – eu queria ter visto! Eu queria ter visto! Eram coisas que eu nunca tinha lido, mas que estavam lá. Enfim, eu sabia que estavam lá, que eu podia ler um dia, enfim... Aquilo sempre esteve lá, naquela casa dela, naquela casa que eu tinha vivido, sabe? A casa dela, daquela mulher que eu amava, que eu amo...

Aquilo não era só dela!

Silêncio.

Agora você imagina toda essa confusão e ela partir no dia seguinte.

Isso mesmo. Ela fez a passagem.

Silêncio.

Uns dias depois, quando eu voltei para desocupar a casa, é que caiu a ficha.

Essa história dos álbuns... não foi nem a metade!

Eu entrei no depósito, no quartinho que eu falei, onde ela guardava tudo, e já não tinha mais nada.

Nada. Só isso (...).

(A caixa.)

Aí eu parei com essa caixa na mão.

5.

As duas mulheres estão divididas por um guichê. Mulher 1 segura uma mala e uma caixa de madeira, além de uma bolsa com documentos. Mulher 2 se comunica por meio de um pequeno microfone. O público a vê de perfil. Seu rosto, no entanto, aparece projetado, em tempo real. É uma projeção distorcida, como uma lente do tipo olho de peixe. Porta-se com certa frieza burocrática.

Mulher 2: Formulário.

Mulher 1: Bom dia. Eu já coloquei os documentos na ordem, senhora.

Mulher 2: A sua senha, por favor.

Mulher 1 passa-lhe a senha.

Mulher 2: Passaporte. *(Confere o documento.)* Trouxe certidão de óbito?

Mulher 1: Então... Fui eu que telefonei...

Mulher 2: Ah, sim. A senhora já foi informada da questão das vagas?

Mulher 1: Não, não fui informada, não.

Mulher 2: É que no momento, senhora, não estamos com vaga.

Mulher 1: Então eu faço como?

Mulher 2: A senhora pode ir pra fila de espera ou tem a opção de fazer particular.

Mulher 1: De quanto tempo é a fila?

Mulher 2: Isso aí... eu não consigo lhe dar uma precisão, senhora.

Mulher 1: Moça, como é que não tem vaga?

Mulher 2: Senhora, a maioria dos cemitérios hoje está com essa questão das vagas. A senhora já tentou em outra cidade?

Mulher 1: É que eu não posso sair pra outra cidade.

Mulher 2: Sinto muito, senhora.

Mulher 1: E, pelo particular, como é?

Mulher 2: Eu vou passar pra senhora um folder com as tarifas pra senhora ver.

Mulher 1: Por que não me adiantou antes?

Mulher 2: As informações estão no nosso site se a senhora quiser consultar.

Mulher 1: Quanto é pelo particular?

Mulher 2: Então, aqui a gente trabalha com alguns tipos de plano (*pega o folder*). Uma assistência funerária hoje completa vai estar incluindo o serviço de orientação de cartório, a remoção, traslado de até 1.000 km, higienização, vestimenta, urna, ornamentação, paramentação, sala de velório, coroa de flores, livro de presença, kit café e cortejo. Vamos ter também o programa de apoio ao luto, com os conteúdos em PDF e o serviço de memorial virtual e velório online. A senhora deseja a inclusão

de dependentes?

Mulher 1: Moça, veja... A cremação já foi feita.

Mulher 2: A senhora já fez a cremação?

Mulher 1: Já.

Mulher 2: A senhora já fez a cremação?

Mulher 1: Já.

Mulher 2: A senhora já fez a cremação?

Mulher 1: Eu expliquei lá no telefone. Eu expliquei sobre essa caixa!

Mulher 2: Ah! Senhora, como a senhora já fez a cremação, não vai ser necessária a assistência funerária.

Mulher 1: Mas eu não preciso de funeral. Eu vou querer enterrar.

Mulher 2: A senhora vai querer?

Mulher 1: Eu vou querer.

Mulher 2: Então, no caso, a senhora vai querer só a urna...

Mulher 1: O que é a urna?

Mulher 2: É o local para o depósito das cinzas da senhora. A gente trabalha com alguns modelos no nosso mostruário (*passa o mostruário*).

Mulher 1: Eu já tenho a caixa. O que eu quero é enterrar.

Pausa.

Mulher 2: A senhora vai querer o sepultamento?

Mulher 1: Vou querer enterrar.

Mulher 2: Desculpe, esse é um cemitério vertical, senhora.

Mulher 1: Moça, eu não tenho condição de esperar mais!

(...)

Mulher 2: Então, no caso, aqui a senhora vai querer só o nicho...

Mulher 1: O que é esse nicho?

Mulher 2: Popularmente, é o ossuário... só que de cinzas (*silêncio, espera reação de Mulher 1*). É como se fosse uma gaveta num armário assim.

Mulher 1: Certo.

Mulher 2: Passaporte.

Mulher 1 passa-lhe o documento.

Mulher 2: Certidão de óbito, por favor.

Mulher 1: Então, não tem. São só os órgãos.

Mulher 2: (...)

Mulher 1: Mas eu trouxe o laudo da necropsia.

Mulher 2: Serve.

Mulher 1 passa-lhe os papéis. Mulher 2 compara os documentos.

Mulher 2: Só conferindo as informações, senhora. Peso?

Mulher 1: 66 kg.

Mulher 2: Altura?

Mulher 1: 1,60.

Mulher 2: Cor?

Mulher 1: Precisa constar isso?

(...)

Confere.

Mulher 2: São 11 ao total?

Mulher 1: São 11.

Mulher 2: A ficha do apêndice e da vesícula, a senhora não trouxe?

Mulher 1: Aí foi um erro do tradutor. Esses eu já tinha tirado.

Mulher 2: Certo. A senhora informa o valor da perpetuidade, por favor.

Mulher 1: Como?

Mulher 2: A perpetuidade.

Mulher 1: Como?

Mulher 2: A perpetuidade! É o plano que a senhora vai querer.

Mulher 1: O mais simples, só pra essa caixa mesmo.

Mulher 2: Certo.

Mulher 1: Moça, espere aí! Desculpe! Só uma dúvida. Dá pra gravar o meu nome, data de nascimento...?

Mulher 2: Não. Aí, nesse caso, a senhora teria que pegar o Essencial 3.

Mulher 1: Desculpe?

Mulher 2: O plano Essencial 3.

Mulher 1: Ah... pode ser, pode ser. Aí, então, põe meu nome (*escreve*), a data de nascimento... e o nome dos órgãos, por favor.

Mulher 2: A senhora vai querer colocar o nome de cada um?

Mulher 1: Não pode?

Mulher 2: Nesse caso, a senhora tem que comprar duas vagas.

Mulher 1: Por que duas vagas?

Mulher 2: Porque são 100 caracteres com espaço por nicho. Dois ficam 200.

Mulher 1: 200 caracteres... (*Conta em silêncio.*)

Mulher 2: A senhora vai querer uma ou duas?

Mulher 1: Duas.

Mulher 2: Duas ficam nesse total aqui (*passa um papel*).

Mulher 1: Esse total?! Desculpe. Eu vou querer uma só.

Mulher 2: Tiro os nomes, então? Deixo apenas o nome da

senhora e data de nascimento?

Mulher 1: E a data de hoje.

Mulher 2: Ok. Forma de pagamento?

Mulher 1: Cartão.

Mulher 2: Pagamento só à vista, Pix, débito ou espécie.

Tempo.

Mulher 1: Pix.

Mulher 2: Essential 3 – Lar Eterno com memorial online e programa de apoio ao luto. A senhora não vai querer nem o velório nem o funeral online, correto?

Mulher 1 olha pra caixa.

Mulher 2: Senhora?

Mulher 1: Quero. Vou querer, sim.

Mulher 2: Essential 3 – Lar Eterno com memorial online e programa de apoio ao luto, velório e funeral online. Assina aqui, por favor.

Mulher 1 assina. Mulher 2 aperta um botão, que aciona um

sinal para o anúncio de outra senha.

Mulher 2: A próxima, por favor.

6.

Atmosfera idílica. Mulher 1 canta um trecho de J'ai Deux Amours. Depois, Mulher 1 e Mulher 2 narram, uma para outra, história para ninar.

Mulher 1:

On dit qu'au delà des mers

Là-bas sous le ciel clair

Il existe une cité

Au séjour enchanté

Et sous les grands arbres noirs

Chaque soir

Vers elle s'en va tout mon Espoir

Mulher 2:

Dizem que para além do mar

Lá, sob o céu claro

Existe uma cidade

De morada encantada

E sob as grandes árvores negras

Toda noite

É para lá que vai minha Esperança

Mulher 1: Certa noite, uma mulher e sua filha contemplavam juntas a imensidão do céu. Após um longo silêncio, nos braços de sua mãe, a menina indagou:

Mulher 2: “Mamãe, o universo acaba?”

Mulher 1: A mãe, prontamente, lhe respondeu: “Não, minha filha, o universo é infinito!”.

Mulher 2: A menina pensou e em seguida tornou a perguntar:

Mulher 1: “Então, as pipas, os aviões e as bolhas de sabão se perdem no infinito?”

Mulher 2: “Veja bem, minha filha, não é bem assim.”

Longo silêncio, em que se imagina a imensidão.

Mulher 2: De repente, a criança, mudando o rumo da prosa, questionou:

Mulher 1: “E para onde vai o lixo, mamãe? Vira poeira cósmica?”

Mulher 2: A mulher riu, vaidosa da astúcia de sua cria. Então, pegou o celular e pediu que a menina repetisse a pergunta.

Mulher 1: “E para onde vai o lixo, mamãe? Vá, pergunte de novo da poeira cósmica, minha filha. Pergunte! Vá, minha filha!”

Mulher 2: Como é próprio das crianças, a menina ignorou as súplicas da mãe. Mas, como se a câmera a encorajasse, meteu-se a formular outras perguntas, que se repetiam num looping interminável.

Mulher 1: “Mamãe, e o meu álbum de figurinhas? Para onde vai?”

Mulher 2: “Os meus brinquedos?”

Mulher 1: “As minhas roupinhas de quando eu era bebê?”

Mulher 2: A mãe deu-se por vencida ou satisfeita e desistiu de gravar.

Mulher 1: Foi aí que a menina arguiu: “O vídeo de mim, você apaga? Você joga ele no lixo?”.

Mulher 2: “Você joga ele no lixo?” A mãe, então, imaginou o tal lixo, um amontoado de imagens e sons...

Mulher 1: “Salve na nuvem, mamãe!”

Mulher 2 (rindo): Seis anos! Como podem essas crianças de hoje?! “E onde fica essa nuvem, menina?”

Pausa. Olham o céu.

Mulher 1: “Você vai morrer e eu vou ser bem velhinha, mamãe.”

Mulher 2: A menina, mais uma vez, mudou o rumo da conversa.

Mulher 1: Então a mulher se lembrou da filha ainda em seu ventre, de suas batidas do coração, dos seus primeiros registros, do ultrassom, das imagens de sua barriga, crescendo a cada semana, do vídeo do parto e da melodia que sentiu de cantar quando a menina pediu passagem.

Mulher 1 e Mulher 2 cantam uma melodia ancestral.

Mulher 1: Lembrou-se com exatidão de sua respiração

ofegante e do grito perfurante e avassalador que lhe abriu a bacia para que a menina escorregasse em seus braços. Esse grito, agora tinha certeza, deve ter vindo de longe, deve ter sido soprado de outro tempo.

Mulher 2: Esse grito não era dela, esse grito passara por ela. Ela o havia lançado à imensidão do infinito.

Mulher 1: Para onde vão os sons? Quem um dia irá ouvir aquele grito?

Contemplam a imensidão do céu.

Música J'ai Deux Amours.

7.

A canção J'ai Deux Amours agora está como música ambiente. Veem-se manequins, alguns inteiros, outros em pedaços. Ao longo da cena, Mulher 2 percorre o palco, fazendo contagens e organizando pequenos montes de partes de corpos. Traz órgãos, braços, pernas ou crânios em um carrinho com bandejas. Por vezes, organiza luvas e material cirúrgico. Em um canto do palco há uma espécie de balcão, com um microfone e o botão de uma campainha, dessas que se ouvem em filas de espera.

Campainha.

Mulher 2 (ao microfone): Senhora Maria Costa Santos (*campainha*). Senhora Tânia Maria Soares.

Mulher 1 (*observa o lugar, busca onde ficar*): Boa tarde.

É fila única?

Mulher 2 (*ignorando Mulher 1, dirige-se a um manequim*):

Está tomando alguma medicação, senhora?

Mulher 1 observa, um tanto incrédula.

Mulher 2: Peso e altura?

Mulher 1 (*para Mulher 2*): Desculpe? Eu?

Mulher 2 (*fala a um microfone*): As senhoras podem ir tirando as roupas, por favor, e formando a fila. Podem ficar só de calcinha e sutiã.

Mulher 1 começa a se despir enquanto observa.

Mulher 2: Senhora Maria da Paz... Boa tarde.

Mulher 1: Não é por ordem de chegada?

Mulher 2 (*ignorando Mulher 1*): A senhora espera aqui, por favor.

Mulher 1: Todo mundo aqui vai pra Europa?

Mulher 2: Senhora Maria Alves Barbosa.

Mulher 2 cruza a cena com um carrinho cheio de braços.

Mulher 1 observa.

Mulher 2 cruza a cena com um carrinho cheio de pernas.

Mulher 1 observa.

Mulher 1 (*aproxima-se de Mulher 2*): Com licença, só pra pedir uma informação, por favor.

Mulher 2 cruza a cena com um carrinho cheio de amostras de urina.

Mulher 1: Eu posso ficar com o material depois?

Mulher 2: Já urinou, senhora?

Mulher 1: A senhora entendeu a minha pergunta? Eu queria saber se eu posso ficar com o material depois.

Mulher 2: Tem alergia a alguma medicação, senhora?

Mulher 1: Não. (*Voltando ao lugar onde estava, para si*): Escrota.

Mulher 2 (*vai até o microfone*): Senhora Maria do Carmo. Trouxe o passaporte?

Mulher 1 (*impaciente*): Tem alguém aqui do consulado???

Mulher 2 (*ao microfone*): Senhora Maria Ângela Torres.

Mulher 1 (*para Mulher 2*): Com licença. Tem alguém aqui do consulado??? Alguém que possa me dar uma informação?

Campainha.

Mulher 1: Não tem ninguém que possa me dar uma informação?

Mulher 1 (*para si*): Isso aqui é um desrespeito! O que é isso? É um desrespeito!

Mulher 1 (*para Mulher 2*): Eu estou há mais de 15 horas de jejum, minha senhora! Eu preciso de uma informação.

Mulher 2: Senhora Maria de Lourdes Oliveira.

Mulher 1 (*mais incisiva para Mulher 2*): Olha aqui, chega! Tem limite! Vocês querem tratar as pessoas como se ninguém soubesse de nada...

TODO MUNDO SABE O QUE VEIO FAZER AQUI (*para as manequins, para o público*). TÁ TODO MUNDO SABENDO O QUE VEIO FAZER AQUI!? TÁ TODO MUNDO SABENDO O QUE VEIO FAZER AQUI!?

Mulher 2 a ignora, deixa a cena. Depois torna a cruzar o palco, dessa vez com uma prancheta, fazendo contagens. Mulher 1 a persegue.

Mulher 1: CADÊ O PESSOAL DO CONSULADO? QUEM É

QUE ESTÁ GERENCIANDO ISSO AQUI? EU QUERO LEVAR MEUS ÓRGÃOS. EU SÓ QUERO LEVAR MEUS ÓRGÃOS. EU PRECISO FALAR COM ALGUÉM. EU PRECISO FALAR COM ALGUÉM!

Mulher 2, fria, para diante do pequeno balcão e aumenta o volume da canção J'ai Deux Amours enquanto Mulher 1 vocifera.

Campainha.

Música permanece alta. Mulher 1 permanece agitada, vociferando sem parar.

Mulher 2 (ao microfone): Senhora Maria de Lourdes Oliveira.

Campainha.

Mulher 2: Senhora Maria de Lourdes Oliveira.

Mulher 1 cai, debate-se.

Mulher 2: Senhora?

(...)

Mulher 1 está caída.

Mulher 2: Senhora?

Mulher 2 vai até a caixa de som, calma e assertiva, interrompe a música.

Mulher 2 (ao microfone para a plateia): Senhoras. Senhoras, peço que mantenham a calma, por favor.

Espera a atenção do público. Toca no microfone para chamar atenção. Pega sua prancheta, lê para a plateia, enquanto Mulher 1 permanece se debatendo.

“Nota técnica.

A remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo está devidamente regulamentada pelo Decreto nº 9.175/2.017. Asseguramos que o profissional encarregado da retirada do material garantirá a melhor restauração possível do corpo e sua integridade dentro das possibilidades. Necessidades especiais poderão ser solicitadas somente no momento do agendamento de seu procedimento. Repito: somente no momento do agendamento de seu procedimento. Todo e qualquer falecimento no exterior deve ser imediatamente informado ao Consulado Geral do Brasil. O corpo em situação irregular poderá ser sepultado como indigente. Por isso, tenha sempre em mãos seus documentos.”

Ao fim da nota, retoma-se a música ambiente. Mulher 1 retoma-se. Mulher 2 vem até ela e lhe oferece um copo d'água.

Mulher 1 (ligeiramente delirante, entrega à Mulher 2 seu

passaporte): Agora, sério, como é viver sem órgãos?

Mulher 2 (cuidadosa): A senhora vai retirar qualquer objeto de metal. Anel, brinco...

Mulher 1: São 11. Faringe, laringe, esôfago, estômago, intestinos, pulmões, coração, rins, bexiga, ovários e útero.

Mulher 2 vai conduzindo Mulher 1 para uma maca, que ela posiciona no centro do palco.

Mulher 2: Inicialmente, a senhora vai passar pela ultrassonografia. Deite-se, por favor, com as perninhas aqui. Vai descer um pouquinho o corpo... Isso!

Mulher 1 está deitada com as pernas abertas, de costas para a plateia. Sua cabeça, pendida na direção do público.

Iniciam-se sons de dentro, batidas de coração, de fluxo sanguíneo. Pulsação.

Mulher 1 (procura Mulher 2 e fala em voz alta): Eu vou ficar oca? A senhora entendeu minha pergunta?

Mulher 2 faz algum sinal com a cabeça.

Sons de dentro. Barulho de coração, de fluxo sanguíneo.

Pulsação.

Mulher 1: Esse som sou eu? Sou eu? Eu posso gravar isso? Eu posso gravar?

Sons de dentro.

Mulher 2 prepara uma injeção, aproxima-se de Mulher 1.

Mulher 1 (agarrando o braço de Mulher 2): Ei, ei! Eu vou ficar oca?

Mulher 2: A senhora não vai sentir mais nada. (Aplica-lhe a injeção.)

Sons de dentro.

8.

Mulher 1 permanece na maca, com as pernas abertas e a cabeça pendida em direção ao público. Está em estado de-lirante. O seu texto pode ser uma gravação. Fragmentos de móveis estão dispostos em cena – metade de uma cadeira de ponta-cabeça, o ângulo de um armário, parte de uma porta. Sobre eles e sobre os corpos de Mulher 1 podem ser projetadas fotografias também fragmentadas.

Mulher 2: Eu estou bem aqui na sua casa. A sua casa.

Mulher 1: É um caderno com folhas grandes e em cuja capa se vê Paris...

Mulher 2: Por que você não me esperou para arrumar? Eu poderia ter ajudado.

Mulher 1: Ao centro, o Arco do Triunfo, e, em primeiro plano, um caminho todo desenhado por flores, por onde ela não passeia.

Mulher 2: Você vai dizer que eu nunca telefono. “Quando você tiver seus filhos, você me paga!”

Mulher 1: Paris está luminosa em uma manhã primaveril.

Mulher 2: Veja, mãe, desde que sua neta nasceu, eu não consigo nem viajar sozinha. Eu não consigo desgrudar, eu tenho medo. Eu. Tenho medo. Você vê?

Projeta-se sobre uma delas a imagem da sala de uma casa.

Mulher 1: A sala de uma casa. Em primeiro plano, pedaços de um sofá. Ao fundo, uma estante de madeira, onde se podem ver uma enciclopédia e quatro enfeites de porcelana.

Mulher 2: A minha casa agora tem móveis pesados, mãe. Justo agora que você jogou tudo fora. Justo agora... você jogou tudo fora.

Mulher 1: A legenda poderia ser: “Casamento. Casa Nova. 1980”.

Mulher 2: Eu também faço fotos. Eu faço fotos, mãe. Faço álbuns, que nem você.

Mulher 1: Ela poderia estar ao centro, vestida de noiva, ao lado de seu esposo.

Mulher 2: Dá um trabalho enorme fazer isso, mãe! Mas você não reconheceria. Diria...

Mulher 1: Não tem do que reclamar.

Mulher 2: ...diria que sempre fez tudo por amor e que faria de novo.

Mulher 1: Ela não está, mas poderia trajar um vestido mídi rosa com mangas $\frac{3}{4}$, calçar sapatos brancos de salto alto. Sapatos apertados.

Mulher 2: Você é bonita, mãe. Você é tão bonita... Você é tão bonita...

Mulher 1: Poderia ter os cabelos crespos bem curtos, as sobrancelhas arqueadas, olhos graúdos, caídos nas extremidades sombreadas por uma maquiagem leve.

Mulher 2: Você me vê?

Mulher 1: Poderia até encarar a câmera com olhar suplicante.

Mulher 2 apalpa-se.

Mulher 2: Veja. Hoje eu acordei e pisei num Lego. Sabe

Lego? Eu fiquei tão irritada com a bagunça da minha casa que peguei um saco de lixo e juntei tudo: roupa, brinquedo, papel, massinha, uns desenhos das crianças, casinha de argila, árvore de papel crepom... Essas coisas que eles fazem na escola.

Eu joguei tudo fora.

Mulher 1: Ela encara a câmera.

Mulher 2: Tá vendo, mãe? Só que depois eu me arrependi.

Mulher 1: Ela olha suplicante.

Mulher 2: Você se arrependeu?

Mulher 1: Ela suplica.

Mulher 2: Você se arrependeu?

Mulher 1: Ela suplica.

A imagem projetada se corrói.

Mulher 1 e Mulher 2, como num jogo de espelhos, dançam a ausência.

9.

As duas mulheres estão divididas por um guichê. Desta vez, é

*Mulher 1 que se comunica por meio de um pequeno microfone e porta-se com certa frieza burocrática. Mesmo dispositivo da cena*⁵.

Mulher 1: Formulário.

Mulher 2: Bom dia. Eu já coloquei os documentos na ordem, senhora.

Mulher 1: A sua senha, por favor.

Mulher 2 passa-lhe a senha.

Mulher 1: Trouxe a certidão de óbito?

Mulher 2: Então... Eu que telefonei mais cedo.

Mulher 1: Ah, sim. A senhora já foi informada da questão das vagas?

Mulher 2: Não, não fui informada, não.

Mulher 1: No momento, senhora, não estamos com vaga.

Mulher 2: Então eu faço como?

Mulher 1: Aí a senhora pode ir pra fila de espera ou tem a opção de fazer particular.

Mulher 2: E como é que não tem vaga, moça?

Mulher 1: Senhora, a maioria dos cemitérios hoje está com essa questão das vagas.

Mulher 2: Como assim “essa questão das vagas”?

Mulher 1: A questão de não ter vaga, senhora.

Mulher 2: Desculpe, ninguém morre mais?

Mulher 1: (...)

Mulher 2: É uma pergunta mesmo. Eu não estou entendendo. Quem morre hoje está indo pra onde?

Mulher 1: Senhora, nós não entramos aqui nesse tipo de questão. Como eu falei, existe uma lista de espera e também a opção do particular.

Mulher 2: Tá. E, pelo particular, como é?

Mulher 1: Então, aqui a gente trabalha com alguns tipos de plano (*pega o folder*). Uma assistência funerária hoje completa vai estar incluindo o serviço de orientação de cartório, a remoção, traslado de até 1.000 km, higienização, vestimenta, urna, ornamentação, paramentação, sala de velório, coroa de flores, livro de presença, kit café e cortejo. Vamos ter também o programa de apoio ao luto, com os conteúdos em PDF e o serviço de velório e funeral online. A senhora deseja a inclusão de dependentes?

Mulher 2: Moça, eu quero uma coisa simples. A cremação já foi feita.

Mulher 1: A senhora já fez a cremação, senhora?

Mulher 2: Já.

Mulher 1: Desculpe, a senhora já fez a cremação?

Mulher 2: Eu expliquei por telefone...

Mulher 1: Senhora, como a senhora já fez a cremação, não vai ser necessária a assistência funerária.

Mulher 2: Tem um responsável aqui? Alguém com quem eu possa falar... Eu já expliquei sobre essa caixa!

Mulher 1: Senhora, é o seguinte: no seu caso, não é possível solicitar a assistência funerária porque aqui a gente lida apenas com material humano.

Mulher 2: Mas são cinzas.

Mulher 1: São cinzas humanas, senhora?

Mulher 2: Não! Eu já expliquei por telefone!!!

(...)

Mulher 1: São restos mortais, senhora?

Mulher 2: Isso é a vida dela!

Mulher 1: Ela quem, senhora?

Mulher 2: Olhe, eu realmente preciso enterrar.

Pausa.

Mulher 1: A senhora vai querer o sepultamento?

Mulher 2: Vou querer enterrar.

Mulher 1: Desculpe, esse é um cemitério vertical, senhora.

Mulher 2: Eu não posso esperar mais!

(...)

Mulher 1: Então, no caso, aqui a senhora vai querer só o nicho...

Mulher 2: O que é esse nicho?

Mulher 1: É como se fosse uma gaveta num armário assim.

Mulher 2: Certo.

Mulher 2 passa-lhe os papéis. Mulher 1 compara documentos.

Mulher 1: Só conferindo as informações, senhora. Peso?

Mulher 2: O meu? (...) 66.

Mulher 1: Altura?

Mulher 2: 1,70.

Mulher 1: Idade?

Mulher 2: A minha?

Mulher 1: Naturalidade?

Mulher 2: Isso é mesmo necessário?

(...)

Mulher 1: A senhora informa o valor da perpetuidade, por favor.

Mulher 2: Como?

Mulher 1: A perpetuidade é o plano que a senhora vai querer.

Mulher 2: É o mais simples que eu quero, moça! É só pra essa caixa mesmo.

Mulher 1: Certo.

Mulher 2: Desculpe, dá pra gravar o meu nome também, data de nascimento?

Mulher 1: A senhora vai querer colocar qual nome? O seu ou o da mãe da senhora?

Mulher 2: (...)

Mulher 1: Senhora, será qual nome?

Mulher 2: Pode ser os dois?

Mulher 1: Ok, senhora. Fica esse total aqui (*passa-lhe um papel*).

Mulher 2: Esse total? Desculpe. Pode ser só o meu mesmo.

Mulher 1: Forma de pagamento? Pode ser à vista, Pix, débito ou espécie.

(...)

Mulher 2: Aproximação.

Aproxima o cartão de uma maquineta.

Mulher 1: Essential 3 – Lar Eterno com memorial online e programa de apoio ao luto. A senhora vai querer o velório e o funeral, correto?

Mulher 2 (*olha pra caixa*): Quero. Vou querer, sim.

Mulher 1: Assina aqui, por favor.

Mulher 2 assina. Funcionária aperta um botão, que aciona um sinal para o anúncio de outra senha.

Mulher 1: A próxima, por favor.

10.

Um cemitério futurista.

Mulher 1: O pôr do sol daqui é incrível!

Mulher 2 encontra um lugar para se exercitar.

Mulher 1: É a primeira vez?

(...)

Mulher 1: Isso aqui é um achado!

Mulher 2 se exercita. Mulher 1 contempla. Pausa.

Mulher 1: É bom fazer isso aqui. Faz bem. O ar é melhor por causa das árvores.

(...)

Mulher 1: Você se alonga, pode até meditar, se quiser. Você se mexe. Você passeia. Você pode passear, se quiser.

Mulher 1: Você gosta daqui?

Mulher 2 se exercita.

Mulher 1: Você gosta?

(...)

Mulher 1: Isso aqui poderia ser um museu. Você gosta de museu? Taí, um museu... Como na Europa.

Som de pássaros.

Contemplam.

Mulher 1: Sabia que tem gente que vem aqui fazer turismo? Tem um pessoal que acha esquisito...

Mas, olha, isso aqui é um mundo! Você tá vendo algum caixão aqui? Tá vendo alguma cova?

Mulher 2 move-se.

Mulher 1: Só um segundo. Escuta!

Som de pássaros. Contemplam.

Mulher 1: Os corpos, hoje, infelizmente são um problema

ambiental. Liberam gás, liberam um líquido que apodrece – você sabia? – acaba com os lençóis freáticos.

Mulher 2 exercita-se, faz fotos.

Mulher 1: Aí você calcula o impacto ambiental de 80 óbitos, 80, 100 corpos apodrecendo todo dia num cemitério? Faz as contas.

Mulher 2 exercita-se.

Mulher 1: Outro dia mesmo, eu li que precisaram exumar os restos de uma mulher num cemitério. Parece que não tinham mais vagas. Só que, quando abriram a cova, a mulher ainda estava lá, inteirinha. Fizeram a merda de enterrar num saco e quando abriram... Você imagina o horror! Tiveram que sepultar de novo. A filha chorava tanto que parecia que a mãe tinha acabado de morrer.

Por isso é que é melhor queimar.

Mulher 2 contempla, faz fotos.

Mulher 1: É legal foto. É bom pra ritualizar.

(...)

Mulher 1: Você já pensou como vai fazer quando morrer? Você pode precisar. Não parece, mas pode.

Mulher 1 e Mulher 2 contemplam.

11.

Música. Projetam-se imagens de Paris, de algum subúrbio no Brasil, de Mulher 1 e Mulher 2 em cena, de um casarão colonial, de cemitério, de lápides, de ruínas, depois da fronteira. Aos poucos, as imagens vão tendo suas personagens mutiladas, recortadas. Todas as imagens vão desaparecendo.

12.

Mulher 1 e Mulher 2 carregam cada qual uma caixa.

Mulher 2: Você também perdeu alguém?

Mulher 1: Isso aqui é um mundo...

Mulher 2: Você tá vendo algum caixão aqui?

Mulher 1: É um cemitério vertical.

Mulher 2 (com raiva): Não tem buraco. Não pode ter buraco?

Mulher 1: O pôr do sol daqui é incrível.

Tiram pás de dentro de um saco.

Sons de pássaros.

Cavam.

Mulher 2: Eu gosto de cavar.

Mulher 1: Eu odeio cavar.

(...)

Sons de pássaros.

Mulher 2: A terra vai mudando mais pra dentro. Você vê?

As duas olham pro chão. Silêncio. Cavam.

Mulher 2: Foi depois que eu engravidei que eu comecei a querer saber tudo sobre a história da minha mãe. Mas, nessa época, ela já não lembrava de quase nada.

Mulher 1: Você brincou de areia na infância?

Mulher 2: Sabe quando você fala com a pessoa e ela responde uma coisa aleatória?

Mulher 1: Você ia à praia? Não brincava de se enterrar todinha na areia?

Mulher 2: Não queria nem fazer o esforço de lembrar. Não se achava importante. (...) Você já enterrou alguém antes?

Mulher 1: Uma vez eu cavei um buraco do meu tamanho, entrei nele e pedi pra uma amiga fechar.

Mulher 2: Uma vez eu sonhei que eu voltava da França pra minha cidade no interior. E aí minha mãe estava lá.

Mulher 1: E ela dizia: “Está maluca, garota?! Garota maluca!”. E eu dizendo que ia chegar em outro país...

Mulher 2: Aí, do nada, minha mãe olha pra mim e me diz que eu precisava ir atrás da minha herança.

Mulher 1: Na verdade, eu tinha lido sobre uma atriz, uma francesa, que tirou foto dentro de um caixão. Você sabe quem é essa mulher? Eu queria fazer a mesma foto...

Mulher 2: Eu: “Herança? Como assim? Impossível!”.

Mulher 1: Sarah Bernhardt é o nome, lembrei.

Mulher 2: E era verdade. Tinha mesmo uma herança.

Cavam.

Mulher 1: Aí eu me lembrei do caso de uma mulher que queria ser enterrada em casa e escavou o quintal. Só que encontrou um negócio imenso.

Mulher 2: Um casarão enorme...

Mulher 1: Um teatro, riquíssimo...
embaixo da casa dela...

Cavam.

Mulher 2: E era meu.

Mulher 1: Aí ficou com medo de contar pras pessoas e o pessoal do IPHAN tomar a casa. Ficou com medo de ser despejada.

Mulher 2: A herança era minha. Só que foi muito estranho porque, depois, nada mais fez sentido.

Mulher 1: Por que, numa situação dessas, você vai querer perder tudo? Como é que você deixa suas coisas, sua vida, deixa tudo pra trás por causa de um buraco no chão?

Mulher 2: Como é que eu ia me apresentar pras pessoas, como é que eu ia falar de mim depois de saber um passado todo diferente do que eu conhecia?

Mulher 1: Não encaixa.

Mulher 2: Não encaixa.

Mulher 1: Aí os dias passaram... meses... anos...

Mulher 2: Só que a casa continuava lá... e era minha.

Mulher 1: E ela continuou cavando.

Mulher 2: Toda aquela herança era minha.

Mulher 1: Cavando, cavando...

Param de cavar. Silêncio.

Mulher 2: Eu gosto de cavar.

Mulher 1: Eu odeio.

*Mulher 1 e Mulher 2 enterram cada qual a sua caixa. Enfi-
am-se cada qual em um buraco ao lado de sua cova.*

13.

Uma grande árvore nasce da terra.

Música.

Blecaute.



MONIZE MOURA

Monize Moura é atriz e professora de teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Iniciou sua trajetória no teatro amador, em Aracaju-Sergipe. Formou-se como atriz na Escola de Teatro da UFBA. Em Salvador, participou dos grupos Vilavox e Fraternal, pelo qual foi indicada ao Prêmio Braskem de Teatro 2007, na categoria melhor atriz. Dedica-se desde 2011 à pesquisa em História do Teatro, com mestrado pela Universidade de Estrasburgo e doutorado pela Universidade de Paris-Saclay e UNIRIO. Desde 2017, integra o corpo docente do Departamento de Artes da UFRN. Coordena o projeto Memória do TAM, voltado à preservação do acervo documental do Teatro Alberto Maranhão, em Natal-RN. *Depois da Fronteira* é sua primeira dramaturgia.







SÃO PAULO SÃO TODOS
Secretaria da
Cultura, Economia
e Indústria Criativas